

# O DIÁRIO de um **Banana**<sup>14</sup> DE-MO-LI-ÇÃO



Os meus livros

**RULAM!**

200  
MILHÕES  
DE EXEMPLARES  
\*\*\*\*\*  
N.º 1 EM TODO  
O MUNDO

Jeff  
Kinney

PARA O SCOOTER

## MARÇO

Domingo

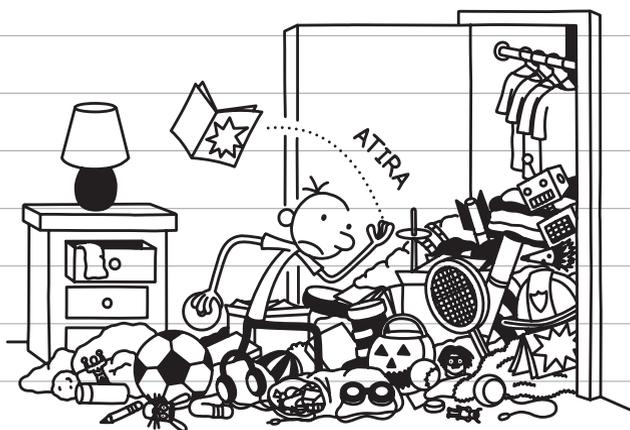
Li em qualquer lado que antigamente sepultavam os reis e os faraós com todos os seus pertences. Naquela altura, deviam pensar que dava para **LEVAREM** as suas coisas para a outra vida.



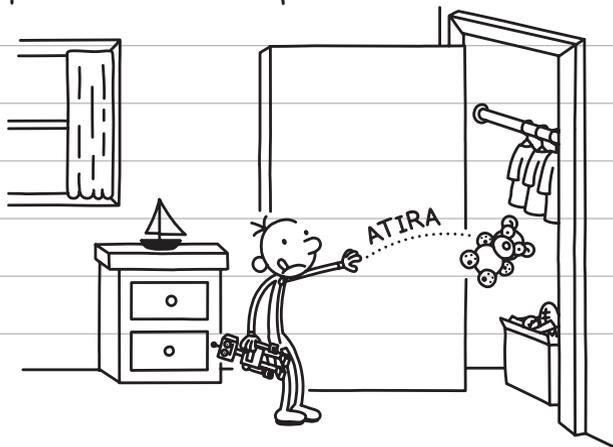
Bem, se eu for sepultado com as **MINHAS** tralhas, acho que vou acabar por me **ARREPENDER** à grande.



A Mãe mandou-me fazer uma limpeza geral e deitar fora tudo aquilo de que não PRECISO. Pareceu-me uma boa ideia até eu me aperceber da quantidade de coisas que realmente TENHO.



Passei a manhã inteira de volta do roupeiro e é incrível o monte de tralhas que estavam lá metidas. É que nem sequer estavam ORGANIZADAS. Basicamente, tenho atirado coisas lá para dentro desde que nos mudámos para esta casa.





Mais ao FUNDO do roupeiro, encontrei algo que julgava ter perdido há ANOS. Era uma pasta cheia de autocolantes que eu tinha colecionado no terceiro ano.



Eu era OBCECADO por autocolantes, especialmente os do tipo raspa-e-cheira. Completei a minha coleção de autocolantes com cheiros BONS, como pastilha elástica, algodão-doce e esse género de coisas, mas também coleccionei todos os que tinham um cheiro NOJENTO.

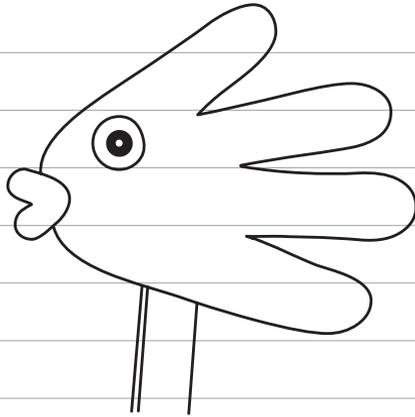
Por isso, quando algum miúdo da minha rua queria saber como é que cheirava o cocó de girafa ou um rolo de carne podre, vinha falar COMIGO.



Um dia, vou escrever a minha AUTOBIOGRAFIA e esta vai incluir autocolantes raspa-e-cheira para assinalar todas as diferentes fases da minha vida.



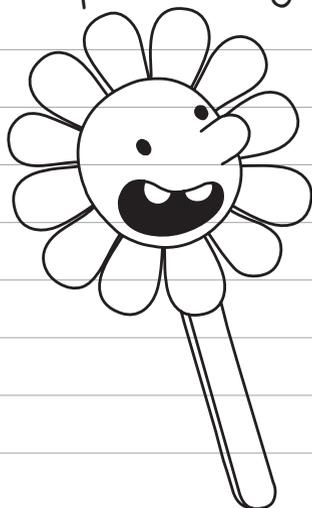
Continuei a aventura pelo meu roupeiro e encontrei coisas do JARDIM DE INFÂNCIA, como um peixe que fiz em cartolina a partir de um desenho da minha mão.



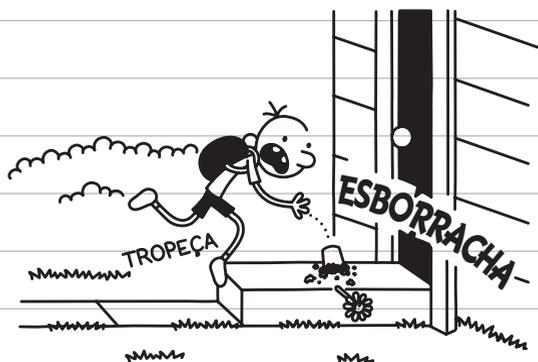
Naquela altura, eu ADORAVA fazer trabalhos manuais. E se alguém GOZASSE comigo por causa disso, acabava com a cara cheia de brilhantes.



Também encontrei uma prenda que fiz para a minha mãe na pré-primária, mas nunca lha dei. Era uma flor de papel com a fotografia da minha cara mesmo no meio, colada a um pauzinho de gelado.



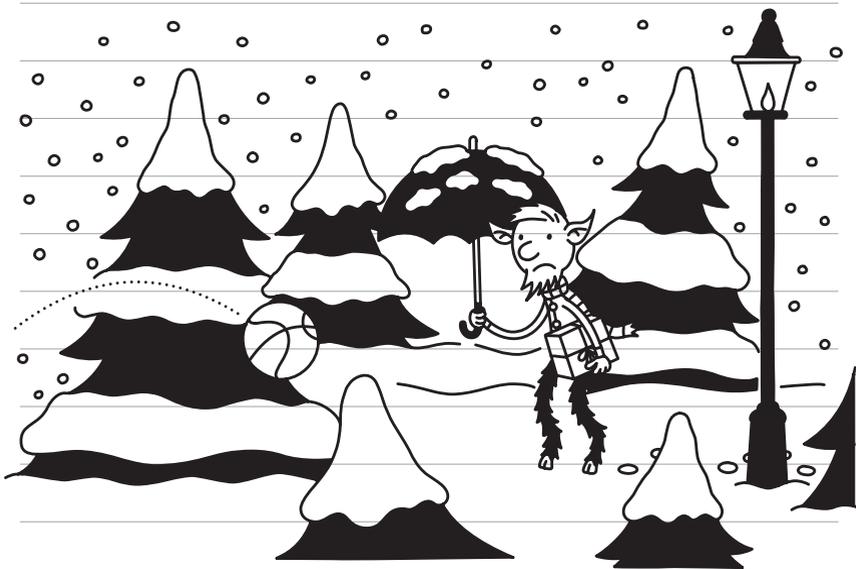
Na altura em que fiz a flor, coloquei-a num vasilho de barro cheio de terra. Só que, nesse mesmo dia, tropecei no degrau da entrada, e foi por isso que a minha mãe nunca chegou a recebê-la.



Fiquei **CONTENTE** quando cheguei finalmente ao fundo do roupeiro, mas, para dizer a verdade, também fiquei um bocado **DESILUDIDO**.

Quando era mais novo, li um livro sobre uns miúdos que conseguiam entrar num **MUNDO** completamente diferente ao atravessarem o seu roupeiro, e sempre me perguntei se seria possível fazer o mesmo no **MEU** roupeiro.

Mas ocorreu-me que os habitantes do outro lado não iriam morrer de amores por mim se eu passasse anos e anos a atirar toda a minha **TRALHA** para lá.

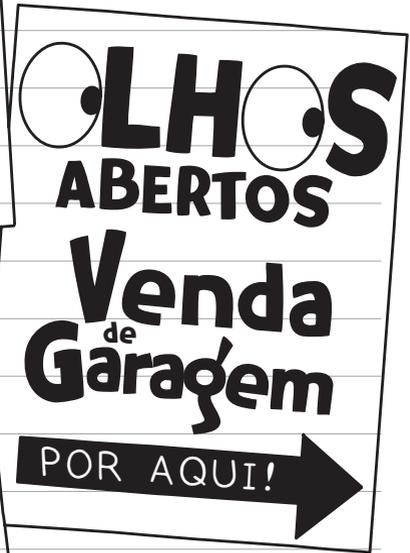


Quando disse à Mãe que já tinha esvaziado o roupeiro, ela respondeu que eu tinha de dividir tudo em três montes: um para guardar, um para dar e outro para deitar fora. Mas eu achei que, se era para me livrar da minha tralha, então bem que podia ganhar algum DINHEIRO com ela. Foi então que decidi fazer uma VENDA DE GARAGEM.

A Mãe achou que era uma ideia GENIAL. E deu-me uma revista com várias dicas para fazer aquilo como DEVE SER.



Mas as ideias na revista eram todas folheiras e antiquadas. Havia uma secção sobre como criar cartazes para atrair as pessoas até à nossa venda de garagem e os exemplos que davam eram uma SECA monumental.



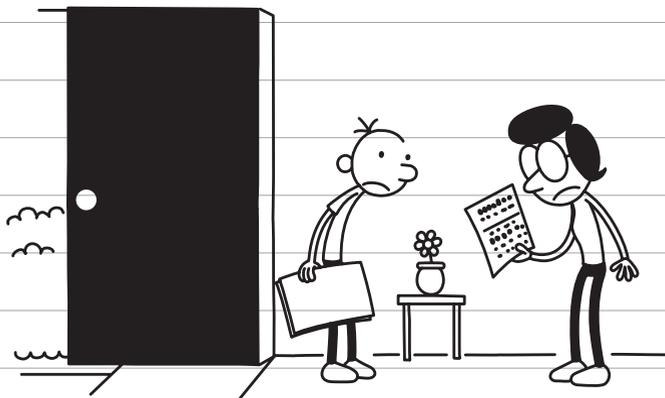
Se fosse para as pessoas aparecerem mesmo na minha venda de garagem, eu sabia que ia precisar de algo muito mais TCHARAN. Por isso, magiquei um cartaz que ia causar impacto de certeza.

# NOTA DE \$ 100

ENCONTRADA NO CHÃO

SE A NOTA FOR TUA,  
POR FAVOR, DIRIGE-TE À  
**RUA SURREY, N.º 12**

Imprimi várias cópias do cartaz e preparei-me para as distribuir por todo o bairro. Mas, antes de chegar à porta da rua, a Mãe impediu-me de sair.



A Mãe mandou-me fazer uns cartazes mais parecidos com aqueles da revista e, quando acabei, fui pendurá-los nos postes da nossa rua. Depois, carreguei com a tralha toda do meu quarto lá para fora e comecei a organizá-la em cima de umas mesas de plástico.

Cada mesa tinha a sua categoria, como «roupa» e «livros» e outras coisas assim. Mas algumas coisas não eram fáceis de classificar, por isso tive de puxar pela minha criatividade.

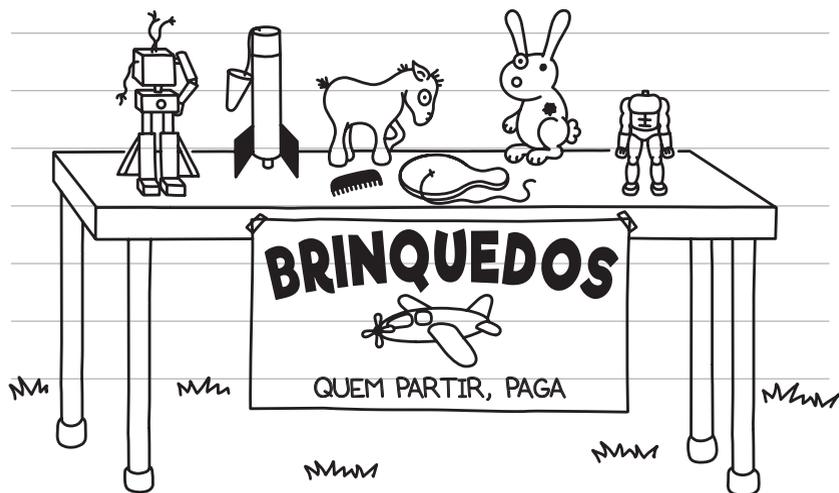
Havia uma série de prendas dos meus avós e de outros familiares mais velhos nas quais nunca tinha sequer TOCADO, e pu-las todas juntas numa mesa.



Também tinha uma série de postais de aniversário que estavam impecáveis. Passei corretor sobre o meu nome e espalhei-os todos numa das mesas.



Coloquei todos os brinquedos partidos noutra mesa, com a esperança de que aparecessem alguns miúdos mais pequenos que não soubessem LER.



Meti todas as tralhas que sobraram, como berlindes e lápis quase no fim, dentro de umas meias compridas e preguei-as no rebordo de uma mesa.



Também criei uma mesa cheia de coisas para aquelas pessoas que não sabem o que hão de fazer ao dinheiro.



Os meus projetos antigos de trabalhos manuais tinham uma mesa própria, para o caso de aparecerem miúdos que precisassem de uma prenda para dar aos pais sem terem de perder TEMPO com o assunto.

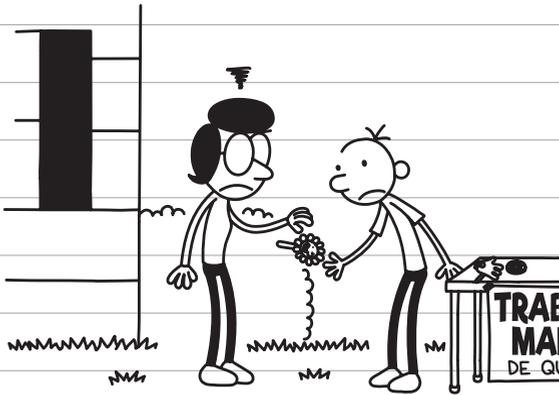


Enquanto eu preparava tudo, a Mãe veio cá fora dar um olho na minha exposição e pareceu bastante IMPRESSIONADA. Mas disse que eu devia guardar as coisas que tinha sido eu a fazer, porque eram mesmo ESPECIAIS.

Eu respondi-lhe que, se ela estivesse interessada em ficar com alguma daquelas coisas, então teria de as PAGAR. E ela ofereceu-me três dólares pela tal flor de papel que eu fiz na pré-primária.

A Mãe parecia realmente interessada naquilo, e eu percebi que, para ela, a flor valia mais do que três dólares. Portanto, disse-lhe que podia comprá-la por DEZ.

Mas acho que abusei da sorte porque ela voltou para dentro de casa sem comprar NADA.

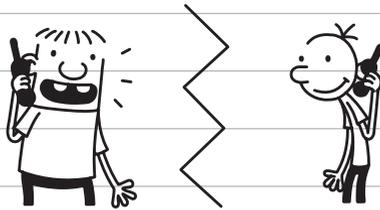


Enquanto esperava que aparecessem clientes, comecei a ficar um pouco NERVOSO. Percebi que todas as minhas coisas estavam ali à mão de semear e que não tinha forma de impedir que fossem ROUBADAS.

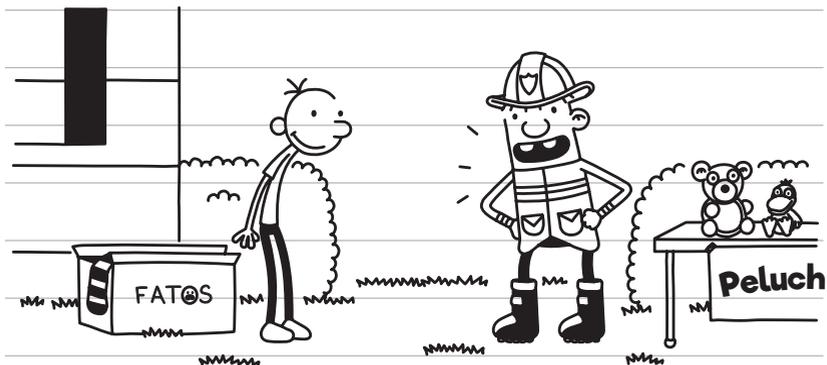
Decidi ligar ao meu melhor amigo, o Rowley Jefferson, e pedi-lhe que viesse ter comigo para ser o meu Agente de Prevenção de Roubos.

Mas o Rowley disse que já tinha coisas combinadas com o pai dele nessa tarde e que não podia ajudar-me com a minha venda de garagem.

Eu disse-lhe que ia promovê-lo a CHEFE de Prevenção de Roubos e que ele até teria direito a usar um CRACHÁ. Foi um argumento de génio!



Assim que chegou a minha casa, o Rowley perguntou logo pelo CRACHÁ. Eu só consegui encontrar o meu velho fato de bombeiro, que foi mais do que suficiente para ele se sentir importante.



Os Heffleys acabam de receber uma herança choruda e decidem fazer remodelações na casa. Mas o que parecia uma maré de sorte acaba por se transformar num gigantesco bico de obra.

Assim que as paredes vão abaixo, os problemas surgem uns atrás dos outros: madeira podre, bolor tóxico, bichos manhosos e, BAHHHH!, algo ainda mais sinistro...



No final, será que a poeira vai mesmo assentar, ou estará a casa dos Heffleys condenada à DE-MO-LI-ÇÃO?

NÃO PERCAS OS OUTROS LIVROS DO GREG!



 livros que saltam à vista	ISBN 978-989-707-951-1 9+  9 789897 079511
20 20 editora	Literatura Juvenil